



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16784 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Epístolas-escrevivências: desesteriotipando mãos negras da escravização às favelas  
 Aline Regina Cardozo de Brito - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

#### EPÍSTOLAS-ESCREVIVÊNCIAS: DESESTERIOTIPANDO MÃOS NEGRAS

##### DA ESCRAVIZAÇÃO ÀS FAVELAS

Este resumo parte da proposta de pesquisar narrativas outras que surgem de epístolas de escravizados na diáspora. Introduzo tal intenção a partir do documento considerado o ‘achamento’ do Brasil – a carta de Pero Vaz de Caminha datada de 22 de abril de 1500. Sem desconsiderar a relevância deste, pois sua importância para os estudos históricos e linguísticos é indiscutível. Entretanto, esta carta é a visão única do colonizador sobre nossa terra e povos originários. O autor nos classificou como ‘gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva’. É justamente o incomodo desta rotulação que me fez pensar no processo de escrita epistolar cujas narrativas escapam dos discursos sociais que circulam sobre nós, negros e indígenas, desde o ‘descobrimento’.

Destaco como exemplo a minha família: mulheres escritoras de cartas, cheias de histórias político-culturais a serem contadas. Ao contrário da imagem engessada inventada - negras ‘de pouco saber’ - as cartas me mostraram outras formas de escrever/conhecer. Ou, de *escreviver*. Só na vida adulta entendi que minhas linhas eram táticas certeunianas criadas para defender o meu território e a nossa vivência familiar, formada por mulheres negras de origem pobre e favelada. Logo, já praticávamos a *escrevivência* (EVARISTO, 2020), sem

perceber..

A partir deste ato político, faveladas-*amefricanas* (GONZALEZ, 2020) que ousam escrever, justifico o início de uma pesquisa fundamentada por escritas negras vindas de lugares considerados territórios sem possibilidades de produção intelectual (senzalas, favelas, etc.). Analisei a importantíssima carta-documento de Esperança Garcia, provavelmente escrita de dentro de uma senzala ou algum cativeiro ligado à Casa Grande. Me atravessava a seguinte pergunta: como essa escravizada, explorada para trabalhar um dia inteiro, além das táticas de sobrevivência, aprendeu a ler e escrever? Para tal questão não há possibilidade de resposta; porém, o que nos interessa é o fato da cativa saber escrever e ousar redigir uma carta narrando os maus tratos vivenciados por ela e sua família.

Outra escritora negra que me chamou atenção foi Phillis Wheatley, cuja vida foi aos poucos ceifada pelo processo de escravidão norte-americano. Em sua carta, a jovem percebe que apesar de usar a língua do opressor aquela era a maneira de se comunicar com o outro – ela aprende “a tomar posse da língua como um território onde nos transformamos em sujeitos” (hooks, 2017, p. 224). Por fim, analisei a carta da Comissão de Libertos de Paty de Alferes-RJ enviada a Rui Barbosa, diplomata brasileiro, no ano seguinte ao da Abolição da Escravatura. Tal epístola é escrita por uma comissão; logo há a voz do coletivo. Além disso, reivindicavam a educação de seus filhos, pois estavam cientes que só através da alfabetização suas crianças seriam eleitoras no futuro. Que alegria ler estes documentos cujas linhas escaparam da incineração!

Ainda não sei bem como chamar estas cartas, pois não são simples estruturas com data, cumprimentos e despedidas. São denúncias documentadas ou redações cujas opiniões são fortemente politizadas, além de trazerem o coletivo grafado em suas linhas - razão pela qual optei por ‘epístolas-escrevivências’. Minha *escrevivência* parte de uma rede de mulheres que produziam na/com a favela o tempo todo. Assim como Carolina Maria de Jesus, inúmeras vezes escrevi no quintal em frente ao barraco de minha avó e éramos atravessadas por tudo vivido ali.

Bem como as cartas supracitadas, aqui há este sentimento de ‘escrever para existir’ e também denunciar. Há uma afirmação de nossa subjetividade, uma busca das memórias. Já naquela época, minha mãe desobedecia a instabilidade da vida imposta à sua família negra e ‘inscrevia traços da vida’ (SANTOS, 2020, p. 209) em suas cartas que partiam da favela. Prefiro (re)afirmar que a favela não venceu, mas certamente está aprendendo a (re)escrever suas próprias histórias. E estas narrativas afrodiaspóricas precisam ser desenvolvidas pelas

nossas mãos!

Para tal discussão, a metodologia ainda está em processo de desenvolvimento. O primeiro caminho foi iniciar a tese em torno da *escrevivência* das mulheres envolvidas enquanto aspecto teórico- metodológico. O segundo parte de uma pesquisa mais voltada para a análise histórica - a pesquisa documental de arquivos (será que existem outras escritas de mulheres escravizadas ou sufocadas pelo pós-abolição?). E, por fim, entendemos que “no processo da pesquisa acontecem encontros entre sujeitos que vão suscitar outros encontros e outros encaminhamentos para a produção do conhecimento” (PASSOS, 2014, p. 234). Por exemplo, um possível encontro com autoras de cartas a partir da favela.

Embora haja o advento da internet, cartas têm circulado por aí ainda que num fluxo muito menor se comparado ao século passado. Contudo, receber uma carta e poder tocar a caligrafia que a tinta imprimiu no papel, me parece algo extraordinário e afetoso. Uma carta manuscrita é uma dádiva e, se forem cartas esquecidas pela história, é um presente resiliente. Analisar estes documentos escritos séculos antes de nós e criar outras possibilidades negro-epistemológicas é urgente!

**PALAVRAS-CHAVE:** epístolas, escrevivência, favela, documentos, negro-epistemologia.

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **A ESCRIVIVÊNCIA E SEUS SUBTEXTOS.** *In:* *Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo/ organização – Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes.* 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO-AMERICANO: ENSAIOS, INTERVENÇÕES E DIÁLOGOS.** Org. Flávia Rios e Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

PASSOS, Mailsa Carla. **ENCONTROS COTIDIANOS E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: RELAÇÕES RACIAIS, EXPERIÊNCIA DIALÓGICA E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO.** *In:* *Educar em Revista.* Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 277 – 242.

SANTOS, Livia M. Natália de Souza. **INTELECTUAIS ESCRIVIVENTES: ENEGRECENDO OS ESTUDOS LITERÁRIOS.** *In:* *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo/ organização - Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes.* 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020